

23 de julho de 2022 nº 1

Tatuí, SP

jornal

BULI

 CONSERVATÓRIO DE TATUI





Sumário

3 No frescor da hora

Tadeu Renato

7 Crônica do dia seguinte

James Furlaneto Rocha

9 Crônica do dia seguinte

Láis Efstathiadis

11 Expediente

no frescor da hora

Além do muro das escolas

Tadeu Renato

*apreciação do espetáculo Quando Quebra
Queima a partir do painel conduzido
pelo VQV - Lígia Helena de Almeida, Paulo
Gircys e Amanda Tavares Dias*



no frescor da hora

Foi em outubro de 2015 que o Governo do Estado de São Paulo tentou colocar em prática uma reestruturação das escolas públicas, o que resultaria no fechamento de mais de 100 escolas. Surgida da experiência dos estudantes secundaristas que ocuparam as escolas entre os anos de 2015 e 2016 (em protesto a mudanças que afetariam drasticamente a vida estudantil de milhares de jovens), a coletiva ocupação foi formada por pessoas que participaram dessas ações e estreou o espetáculo *Quando Quebra Queima* no mesmo ano em que ocorreu o golpe que destituiu Dilma Rousseff da presidência do país.

O primeiro espetáculo a abrir o FETESP 2022 se apresentou na quadra da Escola Estadual Chico Pereira na noite de sexta-feira. Ao adentrar o lugar, várias cadeiras espalhadas onde artistas e público se misturam, se entortam. A proximidade é tal que alguém revela ter sentido o calor dos corpos atuantes. Ou dançantes? A coletiva descatraca fronteiras ao colocar em ação a dança, o áudio visual, a música, o teatro. A proximidade dos acontecimentos gera afetos que tornam difícil uma leitura que não seja também carregada de subjetividades. Palavras como: energia, juventude, liberdade, paixão, potências são usadas pelo público para adjetivar o que viram. De fato, estar diante de corpos presentes, que trazem como documento a própria presença física dos acontecimentos que rememoram, pessoas que experienciaram a ocupação do espaço público (é a escola um espaço público?), que foram violentadas pela truculência policial e tiveram seus rostos expostos, traz uma sensação de cumplicidade, de reviver como testemunha um momento histórico que reverbera ainda hoje.

Embora venham se apresentando há seis anos, o grupo ainda consegue manter em combustão o fogo que deu início ao processo. Como descobrir na repetição uma aliada do fazer, pergunta-se a coletiva em conversa pós-espetáculo, respondendo em seguida sobre a necessidade de vibrar, em grupo, na mesma vontade, na mesma verdade que serviu de combustão primeira.

no frescor da hora

Como o grupo se apresenta em lugares muito diversos, a ocupação de cada espaço é sempre uma novidade que injeta outras ações ao espetáculo, uma vez que os corpos que narram (corpos e corpos dissidentes, corpos e corpos em entregas mútuas) também sempre estão em uma relação de inauguração com novas percepções. O calor da relação é desconfortavelmente bom, conforme uma pessoa relatou sobre suas sensações em assistir, é assustador conseguirmos sentir o que vocês sentem, sentiram.

Interessante pensar na relevância que Quando quebra queima tem ainda hoje, não somente por sua duração estética, mas pelos acontecimentos políticos atuais serem uma continuação do que acontecia então. Ainda é necessário que se afirme a importância de vidas indígenas e negras, mulheres e pessoas trans, de todos e todas que escapam dos padrões estabelecido pelos poderes que querem corpos domados. Ainda é preciso agir contra a evasão escolar atual, o constante sucateamento das unidades escolares, engessamento das categorias das e dos professores, a militarização do ensino público. Ainda é preciso resistir, ainda é preciso afirmar a rebelião, encontrar novas alianças que sejam representativas desses corpos em movimento e que estejam no poder, que possam se afetar e ouvir as vozes que pedem e constroem uma nova realidade.

*Esse texto contou com a
colaboração da estudante Arielle Barbosa*



crônica do dia seguinte

OCUPAÇÃO e a grandiosidade de um coletivo em sintonia

James Furlaneto Rocha

1º ano de Artes Cênicas - Conservatório de Tatui



crônica do dia seguinte

Após meses de expectativa e uma longa semana de ansiedade, finalmente é começado o FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo. A expectativa já criada se triplica e a ansiedade é substituída por uma súbita euforia.

Apreciamos a potência de um coletivo em sintonia de interesses. É grandioso e imparável. Traz a discussão sobre a necessidade de renovo de pensamentos e rupturas de paradigmas.

Nesta primeira noite, as expectativas foram supridas e a euforia não foi contida em um corpo individual. Ela transbordou num corpo coletivo que não se conteve em um só território. Fomos convocados a OCUPAR. E nós OCUPAMOS.

Não é por acaso que esta foi a primeira noite do Festival. Que nós, enquanto estudantes e apreciadores de teatro, possamos ter em mente, durante o FETESP, que estamos ocupando o conservatório, ocupando Tatuí e vivendo o renovo através da arte. OCUPEMOS.

crônica do dia seguinte

não sei, mas se precisar bolo alguma coisa aqui...

Laís Efstathiadis

*Cia Paralenda
ELT - Escola Livre de Teatro de Santo André*

Tatuí:

sua origem tupi, o rio do tatu
por onde percorre, onde deságua?

Mauá:

elevado, também tupi (as origens se encruzam)
dizem também vir do Barão, mas este não
importa.

Há tanta relevância no percurso quanto na
chegada e me inquieto, sentada ao lado de
Felipe, um ukulelê, 4 malas, um maracá salgado
Fofura Thais Dagliane e um cubo amarelo.

Um calor do Sol atrevido, não aparecia há 3 dias
e se mete quando estou de calças pretas suando
pela xoxota. Chegamos e então, tudo é calor
o encontro como acontecimento e o teatro está
em festa. É tempo de celebrar a presença,
estamos vivos

e carregamos essa memória

beijinhos muitos abraços muito prazer você por
aqui não acredito onde mora que lugar lindo
Andressa sou sua guia João do jornal Salvador
lembra de mim?

crônica do dia seguinte

eles cuidam do espaço a trufa é uma delícia tem gente ensaiando dá uma olhada nesse fosso pode tocar no piano chegou mais gente eu te conheço que bom ter vocês aqui que bom mesmo dizem eu não me esqueço que quando quebra

queima

QUEIMA CARALHA!!!

e uma escola estadual está incendiando, eu vi eu vi uma avalanche de cadeiras em minha direção e olho para o lado e não me reconheço agora somos um levante e um garoto começa a derreter em uma carteira escolar

ele tem uma tatuagem de tomada e a outra corre como uma criança e fala como um revolucionário somos um bando

por que a história não pode ser contada por fora dos muros com uma sarrada por que a história só está nos papéis em rabo preso e capa dura, por que proibir a história?

um beijo delicioso no meio da quadra de esportes, onde crianças e adolescentes lancham depois de aprender matemática, isto é um símbolo

da necessidade de mudança absoluta - e meu coração está ali no meio. Todos sentem os corações quentes,

é esse calor de Tatuí

que abre os caminhos com a vocação estudantil: seja jovem, esteja vivo

a educação como porta de entrada ou meio para pular catracas.

Expediente

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Arte gráfica

Luiza Lorenzetti

Produção editorial

João Fabbro

Revisão de textos

Camila Alomba

Thiago Leite

João Fabbro

Luiza Lorenzetti

Colaboradores

Tadeu Renato

Arielle Barbosa (bolsista estagiária em
Produção Cênica)

James Furlaneto Rocha

Láis Efstathiadis

Fotógrafo convidado

João Maria

Leia também a [Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatui](#)